

# A VELHA GUARDA

ÓRGÃO LOCAL DO PARTIDO REPUBLICANO PORTUGUÊS

Editor:

ALCINDO DIAS PEREIRA

Propriedade da Empresa de A VELHA GUARDA

Director:

VITORINO SIMÕES LOPES SAMPAIO

Redacção e Administração: Rua 31 de Janeiro, 165—Composto e impresso na Tipografia Minerva Vimaranesense: Rua 31 de Janeiro, 133—GUIMARÃES

## Respondendo à "Voz"

Que Nemo — o delator viperino da «Voz» — leia e medite sobre as reclamações feitas, pelos revoltosos da Madeira, ao Governo de Lisboa; elas traduzem os fins daquele movimento.

Ei-las:

1.º — Organização imediata de um governo que restaure as liberdades públicas suspensas e, no mais curto prazo possível, estabeleça, sem qualquer subterfúgio: a constitucionalidade política por meio de eleições livres de modo a evitar-se o regresso ao «statu-quo-ante» 28 de Maio de 1926.

2.º — Dêste governo devem fazer parte apenas republicanos, civis ou militares.

3.º — A acção dêste governo, para realizar o seu objectivo essencial (estabelecimento da constitucionalidade política) além de restaurar as liberdades públicas suspensas, deverá imediatamente:

a) — Restituir à liberdade todos os indivíduos civis ou militares presos por motivos políticos;

b) — Mandar regressar ao continente todos os indivíduos civis ou militares com residência fixa, por motivos políticos, nas ilhas adjacentes e Colónias;

c) — Reintegrar nos serviços públicos, civis e militares todos os indivíduos deles afastados ou demitidos por motivos políticos;

d) — Aceitar e reconhecer como legítimos todos os actos praticados pela Guarnição Militar da Madeira que estejam devidamente documentados e referentes à sua actuação iniciada em 4 de Abril de 1931.

A Guarnição Militar da Madeira tem a certeza (e não se teria manifestado se a não tivesse), de que as reclamações acima apresentadas são as que satisfazem a opinião da grande maioria do Exército e da Marinha, que nesse sentido se teriam já manifestado se, livre e inofensivamente, fossem consultados por quem de direito.

(De «O Primeiro de Janeiro».)

E venha agora Nemo falar-nos em comunismo e outras coisas. E' um casmurro que não aprende!

## Banquetes Militares

### No Centro do Exército e da Marinha

Transcrevemos, sem alterações ou comentários, do jornal de Madrid *Informaciones*:

«Os capitães de tôdas as armas, que estão fazendo o curso preparatório de promoções, reuniram-se ontem em um banquete de confraternização no Centro do Exército e da Marinha, tendo assistido as autoridades militares e o ministro da guerra, D. Manuel Azeña.

Em nome da oficialidade saudou o ministro o capitão-general da região sr. Ancipo de Liano e o sr. Manuel Azenia, ao responder-lhe, disse:

— O governo da República não perguntará a procedência dos oficiais, a sua cor política ou a sua maneira de pensar: só exigirá disciplina, amor ao serviço e desejo de ser útil ao país.

O exército — continuou — tem por missão na paz preparar-se para a guerra. O governo da República quer um exército ef-

# Portugal é grande

Uma revista inglesa — a maior que, de assuntos coloniais, se publica em Inglaterra — inseria imprudentemente um artigo que não passou despercebido aos verdadeiros Patriotas. Chama-se a revista «African World», e o artigo em questão intitula-se «Alargando o Império». Ali se afirmava que só fazendo parte do Império Inglês — Comunidade de nações como o Canadá, Austrália, União Sul Africana, etc. — conseguia Portugal manter as suas colónias e a administração, puramente portuguesa, das mesmas. Era à nossa custa, pois, que, segundo a tal revista, se pretendia alargar o Império Britânico. Já a isto se referiu com veemência o Sr. Ribeiro de Carvalho.

E nós, não vamos fazer agora o exame histórico-crítico da «secular aliança». Não nos conceda a oportunidade. Limitamo-nos, tão somente, a reproduzir aqui as palavras do eminente Português, Sr. General Norton de Matos: — **Não queremos fundir-nos nem federar-nos seja com quem fôr.** Esta frase, com a incisiva omnipotência do relâmpago, tem a fazê-la vibrar o sangue quente e generoso da *antiga raça*.

Dos heróis.

Dos mártires.

Vencer ou morrer é o lema do Português aventureiro. E, aí do tímido que se deixa invadir pelo pavor! Está lançado às labaredas dum estranho despotismo e sofre, obsidiado por mil conjuras, afrontas atrás de afrontas. E' rechassado pela injúria dos cínicos. E entra na família dos fracos, dos disformes, dos abórtos.

Dos covardes.

Dos poltrões.

Reagir é uma virtude, quando há em mira repor a verdade no seu mais alto pedestal.

E' o caso singelo da nossa Imprensa perante as atoardas vergonhosas dos reaccionários. Nós desejamos tomar lugar na luta comum à mentira monstruosa do «iberismo», agitada sem pejos pelos farçantes da «triste causa». Doi-nos profundamente que esta parcela infima da raça se venha exibindo como excrescência abominável de Portugal, fazendo chocalhos de tôdas as infâmias para deprimir a Nação, na pessoa dos Republicanos. Acusar, os que, como nós, se batem galhardamente em prol duma **República-Melhor**, de forjadores do fantástico «iberismo», é uma proeza sem nome.

Que assenta bem na alma de Nemo.

E na do Padre Santa Cruz.

E na de quejandos.

Desmente-os desempoeiradamente a nossa Imprensa. Esta tocou-lhes na ferida. Sabe — e não o oculta — que lhes é odienta a Espanha Democrática. Que os atingiu no peito a queda do «riverismo», e a fuga de Afonso XIII. Que porisso atropelam tudo e todos para achar um rumo na escuridão em que vegetam. Ora, Portugal inteiro — referimo-nos à maioria espantosa dos portugueses — folgou de ver a Espanha emancipada. Porque é uma nação irmã que vinha, com o governo de Primo de Rivera, tentando as velhas fórmulas políticas que — fechando a Pátria de Ferrer ao Sistema Democrático Europeu — não chegam a ser rudimentares, no conceito das modernas ideologias.

E porque folgamos de ver a Espanha emancipada, livre para sempre do chamado «terror branco», — quere-nos parecer que até do negro! — lembraram-se os reaccionários de agitar o fantasma do «iberismo», com o pretexto dum falso patriotismo melindrado. Nós, se falamos em «iberismo», é para significar a amizade recíproca dos dois Estados. Mas eles — que por velhas afinidades se recordam do termo, afinidades que vêm do tempo em que entregaram Portugal aos espanhóis — julgamos capazes de cometer um acto semelhante ao dêles em 1580.

Não. E' de outro estofa moral o nosso patriotismo. Soceguem os coitados, que «outro poder mais alto se levanta». Na cegueira facciosa da sua política sectária e maldosa, não podem ver claro no horisonte. São escravos da misera facção, porque recalcam bem dentro o que lhes não convem distinguir. Porque é a facção que os move, que os inspira, que os incita a despejar sobre nós tôda uma cascata de sandices. Não viram na alusão da revista «African World», — como o fez sentir Ribeiro de Carvalho — qualquer atentado à nossa soberania, porque a Inglaterra é monárquica.

Vêm, ou fingem vêr, o perigo «iberista», porque a Espanha é Republicana. Que patriotismo o dêles! Os Republicanos têm uma história cheia de episódios em que refulge o nosso grande Amor-Pátrio.

E em face do exposto, temos de concluir — e dolorosamente o fazemos — que os reaccionários portugueses trazem o patriotismo às avessas. Vai a quem toca. — *H. Belém*.

caz, forte, instruído e dotado com quanto material seja preciso. Nada de regimentos com oitenta homens; acabar-se hão os corpos de cavalaria sem cavalos.

Elogiou a atitude correcta e serena em que o exército se manteve na passada revolução, correcção que não o surpreendeu — comentou o sr. Azeña — porque davam direito a esperá-lo a correcção militar e o seu reconhecimento da *supremacia do poder civil*.

O ministro acrescentou que se pediriam sacrifício aos exército,

no que não vacilará, porque, a quem está disposto a fazer o da vida, pouco há de importar-lhe sacrificar alguma cousa que vale menos do que a própria vida.

Terminou dando um viva à República e levantou a sua taça para brindar pela Pátria.

Em diversas passagens do seu discurso, e ao terminar as suas declarações, foi D. Manuel Azeña calorosamente ovacionado.

(Da «República» de 2-5-31)

(O grifado é nosso).

## Grunhidos da «Voz»,...

...Que, segundo dizem, não chega ao céu por mais que se rale a grunhir.

Dizia o mastim, em letras garrafais, que há uma seita internacional para acabar com as fronteiras. Parece que entra no caso o comunismo e a maçonaria, etc.

Se é connosco, devolvemos ao Nemo a oração. Demais, tomara o fradilhão que as fronteiras não existissem em certas ocasiões de apêrto...

Para dar às gáspeas!

## Será verdade?

No número 312 dêste Jornal, de 8 de Março p. p., iniciamos a campanha contra o chefe duma Repartição Pública, de Guimarães, sob o pretexto dêsse chefe estar a explorar o pessoal auxiliar da sua Repartição. No número 317, de 12 do mês findo, declaramos quem era o chefe em referência, ficando o público a saber que se tratava do Tesoureiro de Finanças, dêste concelho, sr. José Adão Pereira da Silva. Depois dêste facto, aconselhamos o aludido sr. Tesoureiro a dizer da sua Justiça, ou, até, a chamarmos ao Tribunal, caso não fôsse verdadeira a acusação que lhe era feita. Sua ex.ª, porém, não fez nem uma nem outra coisa, pelo menos até à data, não obstante o assunto ter sido, aqui, debatido repetidas vezes. Em face disto, a única conclusão lógica que os bem intencionados podem tirar é a de que o sr. Tesoureiro de Finanças não tem elementos para se defender, sendo, portanto, um criminoso, sujeito às penalidades da Lei. E uma vez que assim é, o sr. Tesoureiro só tem um caminho a seguir: requerer ao Ex.º Ministro das Finanças a demissão do seu lugar, para não dar ocasião a que o escândalo assuma maiores proporções — ainda há muito que narrar — e mesmo porque deve evitar maiores desgostos e maiores contrariedades a certas pessoas de bem, desta terra, às quais está ligado por laços de família. E para que o sr. Tesoureiro não se preocupe com a redacção do requerimento acima referido, fazemos-lhe presente da seguinte cópia:

II.º e Ex.º Senhor Ministro das Finanças — Lisboa.

Eu, abaixo assinado, José Adão Pereira da Silva, Tesoureiro da Tesouraria de Finanças, do concelho de Guimarães, tendo sido acusado, publicamente, no Jornal «A Velha Guarda», semanário que se publica nesta cidade, do crime de burla, visto ter-me apoderado, abusivamente, da maior parte da verba que o Estado destina ao pessoal auxiliar da minha Repartição, na qual tenho 3 empregados, a quem pago — a todos 3! — a insignificante quantia de **quinhentos e tal escudos**, facto a que já aludiu o referido Jornal, e não tendo algum meio de destruir esta acusação, não obstante o próprio Jornal onde esta questão vem sendo ventilada — com esta a **10.ª vez!** — me ter aconselhado a fazê-lo, venho pedir a V. Ex.ª a demissão do meu cargo, único acto que ainda pode prestigiar um pouco a minha já muito abalada dignidade. Cumpre-me também esclarecer V. Ex.ª de que a demissão do cargo que estou a exercer não só contribue para o prestígio moral da minha dignidade — como já afirmei — mas contribue também o prestígio do próprio Estado, e, implicitamente, para o de V. Ex.ª, como meu mui digno superior hierárquico, que sempre se tem revelado contrário a abusos ou a quaisquer outras faltas cometidas no cumprimento

## A eloquência dos números...

Sob esta epigrafe, permitia-se o nosso colega local «O Comércio de Guimarães», em 24 do mês findo, uma apreciação menos verdadeira sobre as últimas eleições do país visinho.

Segundo o nosso colega, o resultado delas «deu 22.000 monárquicos eleitos contra 6.000 republicanos».

E perante esta «formidável vitória monárquica»... operou-se a queda da monarquia em virtude de os republicanos serem mais audaciosos, etc.

Que isto é «uma verdade que ninguém desmente»!

Pois, em face do exposto, pedimos ao colega licença para o desmentir. Não temos presentes os números. Mas — sem nos deixarmos fascinar pela sua eloquência — sempre diremos: **as eleições foram, aliás, uma vitória formidável da República.** Nas quarenta e tal principais cidades de Espanha não chegaram os monárquicos sequer a alcançar um terço da votação. Isto é dos jornais. Ora os monárquicos conseguiram uma infima maioria em muitas vilotas sertanejas, onde ainda não entrou a luz do século. Se a eloquência está nesta maioria — contando vilas ignoradas, aldeias e lugarejos — vá lá! Mas os republicanos têm as cidades, as grandes e principais cidades. E, feitas as respectivas somas, constata-se: os monárquicos tiveram mais terreolas e menos votos; e os republicanos menos terras e mais votos. Acresce ainda que a votação republicana significou o cérebro e a energia de toda a Espanha.

Além da maioria. Porque os que votaram pela monarquia são os que permanecem ainda num estado de quasi analfabetismo. São, porventura, os familiares dos conventos e outras ordens eclesiásticas. Esta é que é uma verdade que ninguém de boa fé pode desmentir!

O resto é a ária estafada, de Nemo, que nem sequer gosa foros de invenção. Repostas as coisas nos seus devidos termos, perguntamos: venceram os mais audaciosos?!...

A queda da monarquia operou-se porque o civismo do povo espanhol assim o entendeu.

Tinha de ser.

dos deveres do funcionalismo público. Uso desta franquesa e lealdade para com V. Ex.<sup>a</sup>, porque de forma alguma me convem que hesite um só momento sobre o deferimento deste requerimento, visto que só por este meio poderei evitar a publicidade de mais responsabilidades, que, certamente, me seriam atribuídas se não tomasse, desde já, esta atitude. E por isso, em virtude do exposto e nos termos da Lei,

Rogo a V. Ex.<sup>a</sup> se digne deferir. Guimarães, 1 de Maio de 1931.

O Requerente,

F.....

\*

Eis, snr. Tesoureiro, a cópia do requerimento que, sem demora, deve enviar ao Ex.<sup>mo</sup> Snr. Ministro das Finanças, a mais prática solução para não ficar, totalmente, enterrado na lama da desonra! Se assim não proceder, não terá razão para se queixar de qualquer atitude mais hostil que, de futuro, tomarmos, despejando sobre a sua vida profissional toda a metralha que nos forneceram para o aniquilar. Lembre-se, snr. Tesoureiro, de que nós não estamos sós, pois temos a nosso lado criaturas de bem, de toda a honestidade, que conhecem a sua vida e os seus erros.

## Os meus instantâneos

III

«Alguns génios do grande mundo..»

Todos conhecem, de nomeada ao menos, o padre Santa Cruz. E' uma cabeça que se dilata em chispas de farfalhada inspiração. Tem o que se chama veia.

Diz muita tolice sobre ideais católicos; mas, não aspira a «coluna» quando impinge gato por lebre aos inválidos da fé. Porque o conde de Aurora — que se armou num autêntico sacrista e ajuda à missa — também não aspira a isso, quando expande o seu terrífico ódio à sciencia (T. S. F., Electricidade, Vapor, Cinema etc.). Nem o João Asneal quando diz baboseiras sobre as Democracias. Nem o chagal de «A Voz» ao falar em notas... de banco.

E o padre Santa Cruz anda ali por Braga ás periscas, isto é: pilha aqui e arranca ali o que topa nas consciências tímidas das devotas.

Vem a ser canonizado!

\*

O ex-príncipe das Astúrias — rapazinho enfezado e irritável — fez ameaças ao povo espanhol. Estou a ver daqui o Soisa de «A Voz» a lampear de esperança na atitude do az. O Soisa gosta muito da atitude destes felinhos! Já a sua augusta mãe — a do pequeno — fumara trinta cigarrilhas, na última noite que passou no palácio real. E o Afonso XIII, também não sei que fez... de notório... mas fugiu.

E' — como estão vendo — uma família de atitudes. Gestos peremptórios, etc.

E o Soisa, em virtude das suas formidáveis antenas, capta-os no ar. Anda sempre à cóca de atitudes. E' um pesquisador de segredos e um esmiuçador de ninharias e um hábil borra-paredes.

Contra a ignorância das gentes, ergue-se o Soisa das notas... a fazer atitudes.

\*

Mussolini decretou que até ao fim do ano — isto é: em nove meses, que o decreto saiu em Abril — tem os italianos de perfazer um milhão em cada uma das três cidades: Roma, Nápoles e Milão.

Eu calculo o trabalho daquela gente, ao encetar a obra. Cá, era motivo para combater o desemprego.

Anda tanta alminha do Senhor à boa vida. Aquilo era até um entretenimento. Tem de haver saídas e entradas.

Deslises e deslocções.

Um pavor.

Valentes italianas!

\*

O «doutor painço» (?) disse em algures que a ilha X já estava cercada de cavalaria. Não houve nisto intenção calinésca, nem até inflamatória.

Foi um rádio antecipado do «doutor painço» (?)

Agora não faltam ondas...

\*

O correspondente do «Diário de Notícias» em S. Torcato — descobrimo-nos em sinal de vénia! — arrimou para lá com duas bojudas de alto calibre. O caso mete bruxas. Nem sei se duas ou mais... Estas — talvez para chuchar do ingénio — sumiram o tamoeiro a uma junta de bois que um camponês de Gonça conduzia a Guimarães. Um reboliço!

Indico à policia uma pista. Para ralar as horas de boa vida, não é de todo má!

Há bruxas na história.

E isto hoje rende.

\*

Mais: O reaccionário maior de Guimarães quem é?

Sim, quem é êle?

E' um caso que proponho a

votação dos meus leitores e até... de todos os vimaranenses liberais.

O individuo mais votado — não lhe vamos oferecer um penduricalho, que isso é já muito vulgar — pode tornar-se conhecido.

Como Miss Europa.

Ou Ab-del-Krim.

Ou o Tomáz do óculo.

Ofereço ao laureado duas latas de atum, umas sandálias e um guarda-pó.

Fico esperando a votação. Que todos os meus leitores se manifestem.

Ricardo de S. Gil.

P. S. — Há mais génios singulares. Muitos mais. Mas ficam para depois.

## ETERNO TEMA

Desde tempos imemoriais se tem dito e afirmado esta estafada ária: «o povo não pode nem deve pagar mais».

Ora, há muitos e dilatados anos tal não vem sucedendo, infelizmente, não obstante os justos clamores de um povo que a todo o transe e através de tôdas as vicissitudes se procura libertar de tal flagelo, que é, sem contestação, o caso de lhe arrancar a pele.

Vejamos pois as razões desta anomalia.

Em primeiro lugar este facto deve-se ao exagerado depeupamento das finanças públicas.

Em consequência disto, vêm as contribuições, para equilibrar o orçamento.

Depois vem a miséria do povo, que fica sem camisa para acudir à pelintrice do Erário público.

E, como tenham aparecido novos e sucessivos encargos orçamentais que limpam de uma forma radical tôdas as receitas arrecadadas e por arrecadar, não saímos nunca deste círculo vicioso.

Ora, salvo melhores e mais criteriosas opiniões, o mal talvez se conjurasse com as seguintes medidas bem simples de executar:

Primeiro — Supressão total de todos os impostos, quer directos, quer indirectos.

Segundo — Para ocorrer às despesas gerais do Estado (encargos da força armada, funcionalismo, etc., etc.), lançar-se-ia mão dos rendimentos das Alfandegas, desenvolvendo-se para tal fim o tráfico aduaneiro e simultaneamente o apetrechamento racional e prático dos nossos postos com um agravamentosinho das pautas, para todos os artigos de importação considerados superfluos ou de luxo.

Terceiro — Difundir intensamente por todo o país o gosto, a paixão pelo teatro e demais espectáculos públicos, construindo-se para isso, em todo o país, boas e confortáveis casas da especialidade, o que sem dúvida renderia um dinheirão, desde que os espectáculos fôssem sempre atraentes e bem seleccionados.

Da receita bruta cobrada revertiriam 75 % a favor do Estado. Os restantes 25 % ficavam livres às empresas para as inevitáveis despesas da exploração da industria espectacular.

E nada mais.

Parece-me que por este processo se daria um passo bastante decisivo para a resolução do mágnio problema em que se debatem quasi todos os povos, especializadamente o português que desde tempos remotos, direi mesmo imemoriais, se vem debatendo com esta praga, com esta ameaça permanente:

— «Paga e não bufes!»

Ora já é tempo disto acabar, de se desanuviarem os ares...

Portanto, nada de hesitações, mãos à obra e de frente erguida encaremos o futuro porque ontem já era tarde.

Virivalho.

Lêde e propagai «A Velha Guarda»

## Assuntos de Instrução

Recebemos a carta que segue:

Ex.<sup>mo</sup> Sr. Director de «A Velha Guarda»:

Por causa da colaboração do Ex.<sup>mo</sup> Sr. Professor Jerónimo Ferreira Botelho, habituei-me a ler «A Velha Guarda» e confesso que me tem feito muito bem, melhorando sensivelmente o meu temperamento sorumbático e neurasténico.

Porém, nas Notas escolares do n.º 319, vem uma insinuação que ofende a dignidade dos professores que ficaram a reger, gratuitamente, os desdobramentos, para não mandarem vadiar pelas ruas da cidade os alunos excedentes ao numero regulamentar, como fizeram os Ex.<sup>mos</sup> Professores Srs. Botelho e Rodrigues.

Ora, como estas Notas costumam ser da autoria do Ex.<sup>mo</sup> Sr. Botelho e eu não quero, sequer, supor este Sr. capaz de praticar uma acção de tal melindre, espero que V. Ex.<sup>a</sup> aconselhe o escrevinhador a fazer uma acusação concreta e assinada, para eu poder seguir o caminho que a razão indica e a dignidade obriga.

Guimarães, 1 de Maio de 1931.

Prof. José Antunes da Silva.

Positivamente que temos de nos convencer de que o nosso espirito é muito tacanho, pasmosamente obtuso, e o dos intencionais críticos deste modesto semanário é de uma argúcia admirável.

Do que discordamos, contudo, indo até ao justicadíssimo protesto, é do facto de atribuírem malévola e ao que escrevemos propósitos em que nesta casa jámais alguém se inspirou ou inspira, ainda que se verse o assunto mais banal.

Sómente quem não quer é que não compreende qual seja a indole desta secção: espaço aberto à colaboração e cooperação num problema dos mais instantes da nacionalidade, e de cuja resolução estão pendentes melhores dias para todos os portugueses, cabendo nêle tanto o artigo doutrinário como o noticiário.

Não conhecemos conselho mais importuno do que o que nos dá o Ex.<sup>mo</sup> Sr. Antunes da Silva na epistola que nos deitou, inclinando-nos a considerá-lo num repleto velado de quem finge (ou mesmo não conhece) não conhecer do que é o bastante para circular num órgão da imprensa sem se refugiar no cobarde anonimato.

Que direito tem o Ex.<sup>mo</sup> Senhor Antunes da Silva de pretender que os nossos informadores, a quem ninguém deve coartar o direito de procurar em todos os departamentos da vida pública do Estado a melhor forma de cumprir a missão que as leis lhes consentem, as empresas lhes exigem e o senso comum deseja, penetrando nos estabelecimentos de ensino, nos tribunais, nos quartéis, em qualquer repartição pública, assinem o seu nome?

Deve satisfazê-lo o que satisfaz toda a Sociedade que nada mais exige do que o que o cabeçalho contém.

E' vulgar de Lineu que toda a matéria de um jornal que não vá assinada ou por extenso ou com pseudónimo ou simples iniciais é da única responsabilidade desse jornal.

Acusações fá-las hemos quando elas forem justas e merecidas e não para lhe desprazer ou com-prazer.

Acreditamos que V. Ex.<sup>a</sup> é um funcionário da instrução exemplarissimo. Mas se foi este o processo escolhido para o exhibir não lhe damos os parabens.

No concernente à insinuação a que V. Ex.<sup>a</sup> alude rebuscamos no que escrevemos no numero deste

## Menino, olha o papão...

E' costume, muito vulgar, em algumas terras, amedrontar as criancinhas, pobres inocentes sem raciocínio, com a ameaça do papão. E para que melhor produza o seu efeito esta estúpida admoestação, isto é, para que o terror se apodere das vitimas inocentes, dizem-lhes que o papão é um bicho muito feio e muito mau, que papa os meninos... Estes, que ainda não têm a razão suficientemente esclarecida para não acreditarem em tal balela, acobardam-se perante o terrorismo, que, de facto, não existe, e ei-los, pelo menos durante algum tempo, mais submissos, menos traquinas.

Actualmente, existe em Portugal, mas em Portugal inteiro, a ameaça de um outro papão — o papão comunista — mais uma armadilha contra a República, preparada pelos seus inimigos.

Este assunto, que com muito acerto e muita ponderação, foi tratado, no último numero deste jornal, pelo illustre colaborador H. Belem, tem servido a causa da reacção, porque é, no momento actual, essa mesma reacção que mais apregoa o perigo comunista, a fim de tirar da sua especulação aquilo que deseja e que pretende, e que é do conhecimento de todos os republicanos, pelo menos daqueles que não receiam semelhante perigo. Por isso, tranquilizem-se os espiritos mais tímidos, porque o papão comunista não lhes fará mal. Mais perigoso e mais infame é o papão reaccionário, aquele que quer assaltar a familia republicana, despojando-a dos seus direitos sagrados, amordaçando-os e vilipendiando-os! Este, sim! este é o papão contra o qual nos temos de defender, nós, os republicanos, porque é um papão autêntico, é um papão que existe.

(Grigri).

## Virivalho

Volta a mimosear-nos, com a sua preciosa colaboração, este velho colaborador, de quem os leitores devem recordar-se.

Virivalho foi muito conhecido, ha anos, pela sua assiduidade nas colunas deste jornal.

Um abraço ao «filho pródigo»...

jornal citado e francamente não a descortinamos.

A não ser que V. Ex.<sup>a</sup> queira dar ao verbo esperar a significação de «estar suspeitoso» ou no último periodo o significado de facto consumado. Isso é lá com os senhores.

Realmente é preciso ser-se doentinho para classificar de «melindrosa» uma hipotese que com certeza todos os chefes de familia alimentam. O desdem com que nos trata (escrevinhador) na pessoa do informador desta secção não nos envergonha nem molesta, pois que sabido é «que as coisas valem tanto, quanto quem as dá».

As pessoas que trabalham nesta casa não presumem, limitando-se à execução dos seus serviços como sabem, mas sempre com educação e respeito pela honra e dignidade alheias. Com o resto da carta nada temos de ocupar-nos, não deixando, porém, de não acreditar que houvesse necessidade de mandar crianças para a vadiagem, porquanto todos caberiam nos salões de Santa Luzia e nenhum professor se recusou a receber as que lhe tocaram na nova distribuição a fazer.

Proceda agora V. Ex.<sup>a</sup> como a sua dignidade (pseudo-ultrajada) lhe aconselhar, que tem esta porta aberta, se se apresentar como se devem apresentar todos os sinceros e desapaixonados.

## Cavalo de batalha

A dúvida não subsiste...

Para as castas degeneradas, que em 1910 foram arrastadas pela derrocada do trono... tudo se lhes antolha como jangada de salvamento. Essas camadas de indivíduos sem moral definida, que não recuaram perante o crime tremendo de em Espanha tomarem armas para invadir Portugal, não cessam de amesquinhar o patriotismo dos Republicanos. Andam agora às voltas com o «iberismo». Em tudo, absolutamente em tudo, se nos deparam como *carabineros* de uma causa perdida. Nós rimos sempre da parvoíce. Não nos propomos aqui delimitar a realidade das coisas, visto que o fez já eloquentemente toda a grande imprensa Republicana. Mas — e para espantear um pouco os nossos sentidos — vamos desfazer também uma das maiores calúnias que a reacção fez à Republica: a **intenção política do já tão falado Banquete de Badajoz.**

O leitor não ignora que os belos ideais têm o perdurável dom de chamar — pelo menos momentaneamente — os seus apaixonados do universo a um convívio fraternal. Assim vemos, a instantes, os Congressos Socialistas, Republicanos e até Católicos. Ora, o Banquete de Badajoz não foi uma parada de forças, mas sim o convívio espiritualmente fraterno dos Republicanos portugueses e espanhóis. Devemos acentuar que então se respirava em Portugal o ar afrontoso do **Ultimatum** de 11 de Janeiro de 1890. A nossa atmosfera era carregada. E toda a gente ansiava por uma nova e melhor orientação internacional. Nesse Banquete falou-se em *iberismo*, mas um *iberismo* meramente espiritual... de opiniões políticas e não de Estados. A amizade dos dois povos sem a demolição de fronteiras. Esta é a verdade histórica do facto. Afirmar o contrário é abandalhar. Pois os reaccionários portugueses reacendem a toda a hora o facho do *iberismo*, atribuindo-lhe o sentido péssimo de federação ou absorção. Almejam pôr em cheque o patriotismo dos Republicanos. Avisadamente andou o Sr. Miguel de Abreu ao escrever na «República» o seu magistral artigo *A propósito do iberismo*. Aí faz o nosso talentoso amigo, e grande Republicano, uma apologia às intenções idealistas daquela reunião a que assistiu o seu malgrado Pai, Eduardo de Abreu. E responde categoricamente ao Sr. Hipólito Raposo que no «Diário de Lisboa» fazia, em artigo, afirmações como esta:

*Mas a lei da guerra manda-nos primeiro reduzir à impotência, liquidando-os ou levando-os à nossa frente, os poucos ou muitos descendentes políticos dos convivas do jantar de Badajoz...*

Por isto se mede o tamanho dos Hipólitos Raposos. Além de ter fermentado um acto cheio de nobreza, o cavalheiro pretende «liquidar» os descendentes políticos dos referidos convivas. Respondeu-lhe altivamente o Sr. Miguel de Abreu e até seu Irmão, o Sr. Henrique de Abreu, enviou ao D. Quixote o seguinte telegrama: *Como filho de Eduardo de Abreu, associo-me por completo às palavras de meu irmão Miguel publicadas na «República». Espero as ordens de v. ex.ª para «liquidação».*

O Sr. Hipólito Raposo pertence àquela hoste de quixotescos indivíduos que usam, previamente, meter-se nas «encolhas» quando toca a batalhar em campo descoberto. Não é homem para morrer em luta pelo seu ideal. Mesmo o seu ideal não convida a grandes sacrificios, visto que — como é notório — só tem produ-

zido mentecaptos ou enfezados bacharéis de óculo tartufo ou riso snob. Não reconhecemos em sua ex.ª, de festo, coragem para «liquidar» ninguém. Estamos certos que em Monsanto foram derribados, com estrondo, alguns Raposos muito mais Raposos que este Sr. Hipólito.

E tudo isto já cheira a *iberismo* demasiado. Porque os que se enfadam com o *perigo*, são porventura os descendentes daqueles fidalgos abrutalhados que em 1385 e 1580 se venderam a Castela e Espanha. Dos que aconselharam talvez D. Maria II a pedir, para um caso interno, a intervenção estrangeira. E revelaram-se dignos dos seus avoengos nas incursões do norte, vindas de Espanha.

Os Republicanos — que são o povo na sua indomável intransigência — têm autoridade para escarrar na face desses traidores.

Xyz.

## República e Religião

Certos indivíduos — uns por ignorância e outros por conveniência — afirmam que República e religião católica são palavras incompatíveis. Nenhuma razão tem de ser tal afirmação, e, portanto, nenhuma incompatibilidade pode haver.

De facto, um republicano pode ser católico, como um monárquico pode ser ateu. O ideal político dum republicano ou dum monárquico que assim pense — assim, como nós dizemos — não pode ser tomado na conta de menos verdadeiro nem esses indivíduos podem ser considerados como tendo princípios menos arraigados. O que se tem dado entre nós — e que é muito para lamentar — é que este mal entendido apenas tem servido de arma de defesa aos inimigos da República, aproveitando-se dele, sobretudo alguns padres — aqueles que não sabem ou não querem cumprir com o seu dever — que insinuam no espirito de certos católicos a falsa doutrina de que não se pode ser católico e republicano ao mesmo tempo. E' claro que estes padres — se não forem ignorantes — têm a consciência de que não dizem a verdade, mas aproveitam-se deste meio para criarem ódios e todas as más vontades contra a República. Porém, enquanto que uns assim procedem, outros há que vivem satisfeitos dentro do Regime Republicano, acatando as suas Leis, conforme as instruções do próprio Vaticano, a Autoridade mais categorizada da Igreja Católica. E' contra aqueles padres, os inimigos da República, que nós, os republicanos, fazemos a nossa campanha.

Por isso, nada de confusões nem de más interpretações. A República não ataca a Igreja Católica, mas sim o mau padre católico, aquêle que para satisfazer as suas vaidades políticas usa de todos os meios. Ora é isto que não está certo; é isto que não pode continuar; é isto que os republicanos não podem nem devem deixar de combater. O padre correcto, o padre cumpridor, o padre exemplar, enfim, o padre que é digno da nossa estima é aquele que não desacata as Leis da República para conquistar adeptos para as da Igreja. Pois se umas e outras podem ser cumpridas e acatadas, para que fazer o contrário? Esta é que seria a verdadeira doutrina, aquela que os maus padres católicos não acatam, porque não lhes convém. A sua ambição é a do mando, a do predomínio, a da satisfação dos seus caprichos.

Eis, em resumo, a opinião dum republicano católico.

(Levandisca).

## A morte de Napoleão

(5-5-1821)

A «República», de Lisboa, publicava um ligeiro artigo, sobre este famoso corso, ao passar-se o aniversário da data em que — nas agruras de Santa Helena — cerrou as suas temerosas pálpebras.

A leitura, embora curta, deste artigo, despertou em mim todo um mundo fantasmagórico de recordações. Napoleão, porque viveu entre os fantasiosos povos meridionais, nimbou-se, para alguns, das auras do sobrenatural. No fim de contas, também os *corsários* filtravam prodígios de poema na santa crendice do populacho. E não passavam, estes aventureiros, de bárbaros quadrelheiros dos mares que impune brigavam com as potências.

E' uma verdade axiomática! Napoleão foi — acima de tudo — um tirano. Que por traição da baixa política, ou antes: pela intriga de alguns sclerados como Fouché, deu o famoso golpe de estado para — sobre a ponte ominosa da sua ditadura — voar doída e pasmosa e vertiginosamente ao ninho dos «Césares», instituído sem pudor no abençoado solo de França. E o império foi uma afronta — não aos «Bourbons» nem Valois nem «Guises» — que a força armada fez à Europa recém-nascida. Quanto ao epilogo sangrento de «Waterloo», que as potências reaccionárias lhe ofereceram coligadas, foi de certo modo o seu lógico complemento.

E a França, que fez a arrancada heróica de 89, sofreu ainda outros vexames da reacção estrangeira, de Luis XVIII que batia palmas à invasão de 1814.

São desta estrutura quasi todos os reis. Para eles, o conceito da Pátria reside apenas no âmago das corôas.

Mas Napoleão, abusando do seu inegalável talento militar, quis ingressar na residência dos reis, quiz ir talvez mais longe, como o revelou. E formou toda uma côrte típica de príncipes e marchais. Que disso falam sem reboço as memórias de S. Cloud, etc. Ora, vem a talho de foice desfazer certas piedosas mentiras sobre o seu todo — «intra e extra». Por exemplo, o quadro de David apresenta-nos um Bonaparte garbosamente posto no seu cavalo branco. Sabemos, contudo, que era um péssimo cavaleiro.

Teve rasgados gestos, é certo. Mas foi opressor do espirito francês; e a história jamais lho perdoará nos tempos que correm e que venham a correr.

Que ponham os nossos reaccionários os olhos nesta figura simbólica do século passado! Que a amam pelo aspecto garrido e bélico da realza!

... Nem assim. Muito embora senhor dum força atormentadora, Napoleão não se esquivou à ordem natural das coisas: baqueou como um tirano. E cortiu em Santa Helena o remorso de haver causado muita desgraça. De resto, admiramos o seu génio militar.

D. B.

### «O Primeiro de Janeiro»

Em correspondência de Guimarães, teve este importante colega, para nós, algumas palavras amáveis.

Agradecemos.

### Caso misterioso?

Lemos nos jornais que a P. I. C. anda indagando quem assassinou, em 1.º do corrente, o infeliz Armando Gomes da Silva, caixeiro de drogaria na rua 20 de Abril. Por ordem superior, o

funeral realizou-se ao meio dia, levando a acompanhá-lo, não obstante a antecipação da hora, cerca de 200 pessoas. Os estabelecimentos cerraram as portas à passagem do cortejo fúnebre. E às 16 horas afluíram ao necrotério alguns milhares de pessoas, postando-se junto do gradeamento fronteiro por não saberem a contra-ordem da hora. Não houve alteração de ordem. As investigações transitam para a «policia de informações». Folgamos com o bom resultado do inquérito.

E gostaríamos até de conhecer o assassino ou assassinos.

## TRÊSE — NÚMERO DE AZAR

Tôda a gente, ou quasi tôda, tem azar com o número três, e tem o seu quê de razão.

E se fôsse a citar todos os contrastes que tenho tido nos dias três, não chegariam colunas e colunas de jornal.

Portanto deixo estes na paz do Senhor, para me referir a um caso que há pouco tempo se deu e que os jornais de todo o mundo largamente permenorizaram.

Refiro-me, como decerto os leitores já adivinharam, à queda da monarquia espanhola.

E que tem, afinal, o número três, com a defunta monarquia espanhola?

E' que Afonso de Bourbon, ou Afonso XIII, como lhe queiram chamar, desde que nasceu até agora, teve uma vida de sobresaltos e inquietações.

Ora é sobre este porquê que temos de fixar a nossa atenção.

Tendo pela vida fora muitos atentados, de todos saiu ileso, fazendo acreditar que o três que lhe pertenceu, não era como os demais fatídico, pois que, até ao contrário, lhe dava sorte.

E deixava-se embalar, confiado que a vida lhe continuaria a sorrir, pois que, o Povo, escarnecido e despresado, sem liberdade e tiranizado, continuaria a adorá-lo, qual Deus omnipotente.

E eis que, confiando sempre, porque meia dúzia de esbirros lhe segredava ao ouvido a vitória, consulta o Povo.

E o Povo, num momento apenas, em algumas horas, fê-lo provar a amargura com o pior do fel — o abandono.

E o três que ainda há pouco lhe era companheiro inseparável, riu-se dele e ciciando-lhe mui de baixinho, disse:

— Afonso de Bourbon, cumprí mais uma vez o meu fadário; com o meu abandono faço cair na lama donde nunca se devia ter levantado, uma monarquia de tiranos.

E foi-se, — sabe-se lá para onde? — a rir-se, a rir-se sempre...

Arnaldo de Sousa Lôbo.

### Atentados na via pública

Esta coisa de cães — os tais de carne e osso, que dos outros ninguém se lembra — anda muito avariada. Bem anda a Sociedade Protectora dos Animais a interferir, mas em vão! Porque os bichinhos que, às vezes, noturnamente, se dão ao luxo de dizer coisas à lua, continuam a gramar com a bola.

E' mesmo um desbarato. Quando menos o esperam, saí-lhes pela prôa a isca. E eles, os pobresinhos, que são tão dados a banquêtes, lá vão no engodo. E' um louvar a Deus.

### Página de anúncios

Devido à muita acumulação de original, e para dar-lhe saída, suspendemos neste número a nossa página de anúncios. Pedimos desculpa.

## Pelo nosso Teatro

Não ocultamos a grande necessidade, que a velhinha Guimarães sente, actualmente, duma casa deste género. Como vimaranenses, contrista-nos simplesmente a ideia de — e contra factos não há argumentos! — havermos de trazer duas péssimas casas de espectáculos. Dizemo-lo sem tibiezas. A verdade é que tudo isto nos contrista. A momentos se ergue entre nós grossa celeuma por via da tristíssima realidade. Há — como o expressamos já — maravilhosos alvíres em contraste. Correu, com insistência, a generosa intenção da construção dum teatro novo. Nós — pobres nescios que em tudo crêmos! — tomamos aquilo a sério. Porque a planta do mesmo, traçada pelo nosso amigo e correligionário Ferreira, architecto diplomado de autêntico valor, esteve longo tempo em exposição.

Nós acreditamos ingenuamente na realização da obra. Mas, como é do conhecimento geral, fracassou a tentativa em virtude de circunstâncias várias. Era muito dispendiosa. Foi porisso posta de parte e pensou-se, então, na adaptação do velho casarão a que — por hábito — chamamos: *teatro Afonso Henriques*.

Guimarães, que teve honradamente brios da cidade civilizada, ficou envolta numa apatia enervante. Nada se fez. E «A Velha Guarda», interpretando com denodo a aspiração dos vimaranenses, quiz — e por descargo de consciência — dizer alguma coisa de sua justiça.

Nada de utopias! O teatro novo não é exequível por muitos motivos. O dinheiro rareia. Lavra, em tôdas as camadas, uma estúpida fome dele. Não há, neste momento terrível de economia, superfluos a que lançar a mão. Por isso preconizamos como boa ideia — a melhor em face do exposto — a reparação ao velho casarão.

Importa saber previamente a quem pertence o edificio em referência. Toda a cidade conhece, entretanto, que é propriedade de vários accionistas ignorados. Nós também nos habituamos à ideia de sabê-lo. Mas não nos satisfaz, de resto, que esses ignorados detentores de acções permaneçam eternamente arredios do conhecimento público. Porque o simples facto serve de pretexto a que terceiro ou terceiros, se apropriem dos respectivos rendimentos sem que ninguém lhes tire contas.

E é indiscutivelmente um estorvo à iniciativa dos vimaranenses.

Não. Urge pôr tudo isto em pratos limpos. O seu a seu dono. Da maneira que corre é que é impossível. Para já, entendemos como impreterível a formação duma Comissão com poderes para proceder — por exemplo — segundo estas directrizes:

1.º — Convocar, por éditos dos jornais de Lisboa, Porto e Guimarães, os supostos proprietários do teatro Afonso Henriques.

2.º — Propôr aos accionistas, uma vez reunidos, a efectivação das obras, esperando a sua resolução.

3.º — Dado o caso de chegarem a acôrdo, quer efectuando as obras no prédio... quer resolvendo voluntariamente a sua venda, iniciar os trabalhos.

4.º — Dada a hipótese, porém, de não acordarem em qualquer resolução aceitável, requerer ao Snr. Juiz de Direito a expropriação do prédio por utilidade pública.

Pensamos singelamente assim. Não sabemos os «prós» ou «contras» do emaranhado da nossa legislação. Aceitando de barato que tudo corra à medida dos nossos desejos, não está terminada

a missão dos filhos desta terra. E' então, mais que nunca, necessária a cooperação de todos. Porque, chegados a estes apuros, perguntamos: quem paga as obras no caso de expropriação?

Estas questões de dinheiros tornam-se, por vezes, enfadonhas. E contudo, venham elles donde vieram, é preciso gastá-los nesta obra. Aqui é que esperamos encontrar as boas vontades. Só então, após toda esta série de sacrificios e canceiras, é que podemos dizer que Guimarães tem um teatro menos mau. E acaba-se com o «forno crematório» etc.

X. X. X.

P. S. — Era bom que os vimaranenses se fôsem manifestando. Não fugiremos com a cooperação do nosso esforço.

## Novo edificio dos Paços do Concelho

Por mera coincidência, passamos estes dias junto desta obra do Município e reparamos que os operários faziam a desmontagem de algumas peças de granito, já assentes.

O momento sugeriu-nos a vontade de escrever estas linhas de justiça a quem de direito. Não partilhámos, como muitos, da opinião tendenciosa de que é preferível a «empreitada» para obras de grande vulto. E temos muitas e justas razões para marcarmos esta atitude. O nosso Município pretendeu pelo seu gesto — e já lá vai tanto tempo! — desfazer-se das responsabilidades que certos *parvenus*, armados em críticos da última hora, fingiam imputar-lhe por continuar aqueles trabalhos «por administração directa». Mas, a prática dá-nos a fragilidade do argumento. Porque uma obra, como o novo Edificio dos Paços do Concelho, não é, nem pode ser, brinquedo de crianças para se expôr à aventura de qualquer curioso. E' obra para durar séculos; e tem necessariamente de ficar bem feita. Assim o entendeu claramente a Vereação que lhe deu início, escolhendo escrupulosamente o seu pessoal técnico. E ninguém põe em dúvida que esse pessoal estava, de facto, à altura da sua missão. Porque é bem fácil de diferenciar a perfeição do trabalho a jornal do restante, feito por «empreitada». Não nos surpreendeu o facto de ver desmontar as referidas peças. Sabíamos que isso tinha de dar-se, — mais dia ou menos dia. Outrora havia um certo escrúpulo na confecção das pedras. Havia mesmo uma zelosa administração técnica. Agora, que se vive ali em regime de empreitada, o que se pretende é fazer muito e depressa, pondo em plano secundário o bom acabamento do serviço. Conquanto tenhamos já dado pela relativa imperfeição do «trabalho de empreitada», não fizemos sentir a nossa opinião para não sermos acusados de facciosismo político. Hoje, porém, que se assiste publicamente à desmontagem de alguns calhaus, não podemos esquivar-nos a fazer certas considerações. O lavrado de agora peca um pouquinho por alguns emplastos de cola e afigura-se-nos um tanto mais grosseiro. Contudo, o empreiteiro ou empreiteiros são obrigados — segundo o caderno de encargos — a emprestar-lhe a perfeição anterior. Não o fazem, como esperavamos, porque a obra vai de «empreitada» e ainda porque: conquanto lhes não neguemos a qualidade de bons executores — se é que a têm — não se revelam à altura de dirigir trabalhos de tamanha responsabilidade.

As razões disto são de todos bem conhecidas. Aqueles que podiam fazê-lo com competência foram batidos inconscientemente nos preços. Porque muitos estu-

# Aquelas criancinhas!

Muito doente ainda eu ia p'ra janela  
Só para os ver passar, os querubins loirinhos!...  
E eles, cheios de dôr — meu coração se gela  
Sempre quando se lembra! — olhavam p'ra janela  
E erguiam para mim os tímidos bracinhos!

Quási sempre lhes dava a minha magra esmola  
E caso a não tivesse um beijo lhes mandava...  
— Quando pratico o bem minh'alma se consola! —  
E os loiros querubins beijavam minha esmola,  
E eu pobre de alegria, alegre, então, chorava!

Iam a dar a volta à Caridade-Santa,  
— Boquinhos já sem côr a suspirarem pão! —  
Mas a avareza é tanta, ai! a avareza é tanta,  
Que faz com que rareie a Caridade-Santa,  
E faz com que se escute a muita porta um não!...

Há mesas onde o pão é de sobejo, tanto,  
Que chega a apodrecer nas dobras da toalha!  
Há outras onde o pão é amargurado pranto:  
— Boquinhos já sem côr a suspirarem tanto!  
— Boquinhos onde o pão eternamente falha!...

Deixai, deixai minh'alma, ó querubins loirinhos,  
Beijar vossa miséria imensamente dura...  
Eu quero-vos haurir o pranto dos olhinhos!  
Por Deus não choreis mais, ó querubins loirinhos,  
Que a vossa enorme dor é a minha desventura!

Tal qual como eu os via, há meses, da janela,  
Em sonhos eu os vejo, e tristemente vão  
A' chuva, ao vento e neve — a neve que nos gela!  
Tam cheiños de dôr — eu vejo-os da janela,  
Boquinhos já sem côr a suspirarem pão!

DELFINO DE VIMARANES.

daram o plano e recuaram diante da pequenez do numerário. Andaram assim, crêmos nós, muito ajuizadamente.

Nós ligamos ao facto muita importância; porque somos de um Partido da República que honestamente lhe deu outra orientação, logo de início. Agora, que o nosso actual Município mudou de directriz não menos honestamente, urge forçar aqueles que dirigem a construção a uma boa execução.

Se o capital não chega, que se não metessem nela. Aconselhamos o respectivo architecto — o Sr. Marques da Silva — a uma maior assiduidade, para que não fique estropiada uma obra que custa alguns milhares de contos. E' preciso reparar bem no equilibrio daquelas linhas, que podem falhar, etc.

O Município não tem culpa. Se errou, foi de boa fé. O seu pessoal técnico é excelente. Mas este não tem a seu cargo a fiscalização daquele trabalho.

Aí fica para descargo da nossa consciência. Sempre se chega, embora tardiamente, a uma conclusão: é que tinha razão a Vereação que cessou, em virtude do advento do «28 de Maio», em 1926.

Pois que o nosso Município zele uma obra que pertence ao futuro!

Agua-Verde.

## Contrastes!...

Que luxo!...  
— Quem é aquela senhora tão ricamente vestida?...

— E' a esposa de um grande industrial. Aquele casaco que traz vestido, trouxe-lho o marido do estrangeiro, e cuja aquisição, segundo ela fêz constar, ficou por alguns milhares de escudos.

Que miséria!...  
— Quem é aquela mulher que chora?...

— E' a companheira de um operário que há muito deu ingresso nas fileiras da tuberculose, mãe de muitos filhos, todos pequeninos e famintos.

Contrastes!...  
A vida, isto a que se chama vida, tem destas coisas.

Enquanto uns passam nela felizes, alheios a todas as dôres e a todas as misérias, afrontando com os seus espaventosos luxos os trapos do semelhante, outros — e estes são a grande maioria! — sofrem toda a casta de privações, suportam com resignação todas as adversidades, todas as dôres, de que é feita a acidentada estra-

da por onde têm, forçosamente, de caminhar.

Enquanto os filhos daqueles, além do mais, são convenientemente educados e preparados para gozarem a vida, os filhos da maioria dos proletários dão ingresso nas oficinas, nas fábricas, ou nos campos, onde iniciam a luta pela vida — luta que a falta de instrução torna inglória, desumana, acabrunhante.

Mas, porque se não educam os filhos dos operários? — dirão... Porque estes, na sua quasi totalidade, não ganham o suficiente para a manutenção dos seus lares, e, porisso, valem-se logo que podem da tenra idade dos filhos, para com o seu mísero e amargurado ordenado, ir resolvendo algumas necessidades da sua pobre vida, descurando assim, involuntariamente, um dos mais elementares deveres que se lhes impõe como pais.

E' esta a verdadeira origem da falta de instrução nos operários e, é ela, incontestavelmente, o maior mal de que enferma a família proletária.

O analfabetismo assentou arraiais no seu seio, no seio do operariado. E, enquanto esse flagelo não fôr eficazmente combatido, o operário continuará sendo, afinal, o que tem sido até hoje — o bode expiatório desta sociedade vampírica, sempre sedenta do seu suor, sempre sedenta do seu sangue.

Sim — porque o operário passa na vida, vergado ao péso de um enorme fardo, sem que se lhe reconheça o valôr e se lhe dispense a protecção a que o seu esforço tem jús. Enquanto elle conserva o vigor indispensável para poder trabalhar, ajoujadamente elle vai levando a vida. Mas quando este o abandona, elle, como único recurso, tem que se sujeitar ao humilhante papel a que a sociedade o condenou — a mendicância! — repugnante e asqueroso cancro, que o século das luzes, com toda a sua apregoada civilização, ainda não conseguiu extinguir, nem resolver.

Dolorosa expectativa esta, para aqueles, cujas forças ainda os não abandonaram!...

A todos estes males que acabrunham o operário, um só remédio pode e deve ser oposto — a instrução!

Só ella pode libertá-lo do atoleiro em que vegeta.

Só ella pode abrir-lhe as portas do porvir e inundar-lhe a alma de luz.

Só ella pode ser a mensageira bendita da sua felicidade futura. Porisso eu apelo para os operários, para que elles, mesmo à custa dos maiores e mais doloro-

sos sacrificios, dêem a seus filhos a instrução.

No dia em que todos os operários sejam instrutivamente educados, os contrastes flagrantíssimos que se estão passando em nossos dias, deixarão, forçosamente, de existir. O seu lugar na sociedade será muito diferente do de hoje, porque elles terão, enfim, a noção exacta do seu valor e, consequentemente, a dos seus verdadeiros e legítimos direitos...

Até lá, não!...

J. Gualberto de Freitas.

Operário gráfico.

## A ameaça comunista

O Sr. Dr. Marques Guedes estadista de autêntico valor e jornalista que à causa da Democracia tem emprestado a sua melhor argúcia, escreveu no «Primeiro de Janeiro» sob a invocação da epigrafe, alguns magíficos artigos. Como sempre, foi muito feliz Sua Ex.ª.

A propósito, e por em absoluto concordarmos com a matéria, transcrevemos este periodo:

Sempre, ao que parece, em Portugal, os homens do Poder perdem a visão serena dos factos e a intuição do momento da retirada, a tempo, a bem do país e dêles mesmos...

E' verdade.

## Câmara Municipal

Sessão de 29 de Abril

Lida e aprovada a acta da sessão anterior.

Balanço:

Ficou inteirada do balanço dado pelo respectivo tesoureiro, relativo à semana finda em 25 de Abril, acusando os saldos:

Depósitos na Caixa Económica Portuguesa . . . . .	245.000,00
Existência em dinheiro no cofre. . . . .	5.712,30
Total. . . . .	250.712,30

Ofícios:

Do chefe da Repartição de Finanças do concelho de Guimarães.

Do presidente da Comissão Administrativa da Câmara Municipal de Aveiro, solicitando indique a forma como se encontra organizado o descanço semanal neste concelho.

Do Gerente do Crédit Franco-Portuguais, Agence de Pôrto.

Da Inspeção de Pesos e Medidas.

De Bernardino Jordão & Filhos, concessionários da luz elec-

trica de Guimarães e Taipas, informando estar adquirindo material indispensável ao prolongamento da iluminação electrica pública até 50 metros além das casas económicas.

Foram lidos ainda outros officios de mero expediente.

Foram deferidos e indeferidos vários requerimentos.

Deliberações:

Deliberou conceder o subsídio para o internamento num Hospital de Alienados a Jaime Alberto Pinto Guimarães.

Demissão por abandono de lugar:

Deliberou, depois de cumpridas as formalidades legais, demitir o fiscal dos impostos, José Henriques Vila Real, por ter abandonado o exercicio do seu cargo por tempo superior a trinta dias.

Tomou ainda outras deliberações e autorizou vários pagamentos.

## Ribeiro de Carvalho

O grande jornalista da Democracia, e Patriota impoluto, achasse, infelizmente, retido no leito.

De Portugal inteiro lhe chovem inúmeras provas de simpatia.

Ribeiro de Carvalho é uma figura da Pátria.

E «A Velha Guarda», que admira profundamente o seu brilhante camarada, o fogoso campeão que sabe lutar com altivez e vencer com dignidade, envia-lhe também os seus votos de pronto restabelecimento.

Um grande abraço ao Sr. Ribeiro de Carvalho.

## «A Madona dos Sleepings»

Foi, como noticiamos já, exibido este maravilhoso film em festa artistica da Orquestra Vimaranesense.

O programa anunciado foi rigorosamente executado.

Agradou imenso.

O salão do Teatro Gil Vicente estava repleto.

## Boletins

Recebemos regularmente os do Registo Civil e da Pequena Imprensa e Imprensa Regionalista.

Por ali vemos o seu caminho metódico e incansável.

Liga dos Estudantes Republicanos da Faculdade de Ciências de Lisboa.

A sua sede passou para a Rua de Cecília de Sousa, n.º 55 — F.

Para não haver extravio da correspondência enviada... Noticiamos.

## Könyöt — Mariano

E' o grande Circo Equestre que, no dia 12, se estreia na Parada dos Bombeiros Voluntários. Könyöt-Mariano é o antigo Circo America Show, muito nosso conhecido pelo seu valioso complexo de variedades.

Este grande Circo, que agora nos visita, traz uma colecção de animais raros — macacos, kanguuru, lobo, porco com 6 pernas, galinha com pernas, crocodilo etc. — que podem ser visitados durante o dia, a troco dum escudo.

Dêste Circo fazem parte 32 conhecidíssimos artistas. Muitos trabalhos. Boa música. Pilléricos cómicos.

Todos os vimaranenses, aproveitando o curto momento destes espectáculos, deve ir ao Könyöt-Mariano.

Guimarães só conhece disto de anos a anos.

Este número foi visado pela comissão de censura